

## JOSÉ JORGE LETRIA — A DÁDIVA DE UMA CASA DA POESIA

MARIA DA NATIVIDADE PIRES

A multifacetada obra de José Jorge Letria apresenta-nos não só temáticas muito diversas como registos discursivos variados, oferecendo ao leitor uma imensa panóplia de estilos e um mundo de emoções.

José Jorge Letria ramifica-se, floresce e refloresce em textos ficcionais ou de fundo histórico, líricos, humorísticos, ou lúdico-didáticos. A sua criatividade surge em poesias, contos, narrativas históricas, dramáticas, da sua autoria exclusiva, mas também na reescrita de textos tradicionais, como recentemente em *Contos da China Antiga* e *Lendas e Contos Judaicos*.

Sendo vastíssima a obra que tem publicada e dado que já abordei em público, mais do que uma vez, grande parte dos seus textos das décadas de 80 e 90, esta comunicação debruça-se essencialmente sobre as publicações a partir do ano 2000, ou seja, caminha com o escritor no início desta aventura de encarar o novo século XXI.

\* \* \*

Nessas anteriores abordagens, parti de títulos como «J. J. Letria — A Asa e a Rota dos Sonhos», «Eu já tive tantos nomes... — um percurso pela obra de J. J. Letria», mas direi que a presente intervenção, apesar de abordar essencialmente as

publicações mais recentes do autor, oferece ao leitor elos encadeados com toda a sua produção literária.

Começemos pelos textos narrativos que se apresentam, em parte, como uma novidade das últimas publicações.

*Lendas e Contos Judaicos* (2003) são apresentados no prefácio da seguinte forma:

[...] *estes contos e lendas que o autor adoptou, de acordo com o seu modo de narrar, mas sempre com a preocupação de não descaracterizar, ajudam a retratar um povo que fez do mundo a sua casa [...].*

Se *Lendas da Terra*, de que falaremos mais à frente, é um livro que nos dá explicações diversas mas com aspectos básicos coincidentes sobre fenómenos naturais e sociológicos e cuja origem nos chega das mais distintas culturas, aqui encontramos o olhar de um povo específico sobre esses acontecimentos. O diálogo entre Deus e o homem é uma constante em *Lendas e Contos Judaicos* e a perspectiva didáctica domina todos os textos. A humildade, a ponderação, os perigos do excesso de poder, o amor filial, o sentido de justiça, a aceitação da morte, o respeito imprescindível pela Torah, são, repetidamente, os temas que encontramos.

Escolhemos exemplos que ilustrem claramente a forte ligação destas lendas e contos a uma identidade cultural específica, como é o caso em «Voltar sempre à Terra», que salienta a importância de possuir uma sepultura na Terra Santa ou «As palavras e o fogo», lenda que encerra o livro e que lembra que nunca se devem esquecer as palavras da Torah.

A referência a certos estereótipos que temos tendência a usar para caracterizar os povos é apresentada de forma humorística em «Dois Judeus preocupados».

Passemos a *Contos da China Antiga*: na Introdução, o autor tece um breve comentário no estilo do anterior, e nesse comentário queremos salientar o papel do escritor como al-

guém que reinventa, mas só o que não adultera a mensagem de fundo.

Nestes contos, oriundos de uma cultura muito diferente, Deus não aparece, existe, sim, um Imperador do Céu, mas muitas vezes são os animais ou os próprios homens (pode ser um *homem sábio*, um monge, mas muitas vezes são pessoas simples, mais clarividentes) que ensinam a outros homens a melhor maneira de encarar os problemas ou que retiram as conclusões dos acontecimentos, como acontece em «O homem que amava os dragões» e em «A sabedoria da carpa».

A ilustração, de Cristina Valadas, acentua a dependência do homem pobre do homem rico — o pobre está ajoelhado e descalço, deixando os chinelos atrás de si. Além disso, o homem rico não usa chinelos, mas outro tipo de calçado mais confortável. No entanto, o texto não faz qualquer referência a estes pormenores.

A ilustração de Cristina Valadas, apesar de se caracterizar pelos poucos elementos representados, sem contextualização física, integra pormenores que acrescentam informação cultural sobre o povo de que se fala. Algumas dessas ilustrações introduzem o humor — veja-se as ilustrações para «Livros e peças de bronze», «O valor do silêncio» e «O dilema da borboleta» — aqui, o filósofo Chuang Tse não sabe se foi Chuang Tse que sonhou ser uma borboleta ou se foi a borboleta que sonhou ser Chuang Tse.

Ao contrário, as ilustrações de Alain Corbel para *Lendas e Contos Judaicos* enquadram as personagens num contexto espacial, o que também introduz outros elementos caracterizadores da cultura, como a forma de vestir, o tipo de arquitectura, etc., mas aposta essencialmente em diversas focalizações ou planos do olhar, participando o leitor de uma visão também parcelar e subjectiva do espaço, pessoas, acontecimentos.

Ora, estes dois livros, como dissemos, destacam um dos vectores da obra de Letria : o da apresentação de outras culturas, já constante, por exemplo, em *Olá, Brasil!* (2000).

Segundo Homi Bhabha, a forma como contamos as histórias, organizamos a História e os actos da vida do dia-a-dia torna-se um elemento fundamental da luta pela identidade cultural ou da sua afirmação (*Nation and Narration*, 1990, cit. in Morgado, 2002: 11). Ora, o facto de José Jorge Letria se dedicar a reescrever textos oriundos de culturas tão diferentes, leva a que tenha um papel importante para uma educação intercultural, «a qual constrói o respeito pela diferença e formas diversas de perceber, categorizar, compreender e avaliar-se a si próprio e aos outros» (Morgado, 2002: 13).

Em *Lendas e Contos Judaicos* a postura do narrador é muito moralista e didáctica, apresentando-se como narrativas monológicas.

Numa entrevista à revista *Ler mais*, em Dezembro de 2002, perguntaram a J. J. Letria que características distinguem os contos tradicionais portugueses, e europeus em geral, dos contos orientais. Ao que o escritor respondeu:

*Nos contos orientais, não há uma preocupação obsessiva com a moral que pode ser extraída das histórias. Cada um tira a sua. Mas a lição mais importante talvez seja esta: o homem consegue ser, ao mesmo tempo, objecto e sublime, residindo nessa contradição a sua grandeza e a sua precariedade. [...].*

Na verdade, essa uma diferença significativa entre os textos tradicionais destas duas culturas.

Em *Lendas da Terra*, a variedade das origens culturais dos textos não permite uma conclusão definida quanto à forma de olhar o mundo por parte de cada cultura, mas há uma voz unificadora (talvez a do narrador, talvez a do consenso de cada sociedade por ele assumido...) que retira uma moral de todos os contos e que se apresenta ao leitor como tendo um enquadramento sócio-ideológico comum.

De *Lendas do Mar*, publicado em 1998, a *Lendas da Terra*, de 2003, parece haver um percurso desde a criação do mundo até à sua destruição e reconstrução. No primeiro predominam os elementos da natureza dialogando com os seus Pais e deuses, no segundo, os diálogos são sobretudo entre os homens e Deus, colocando quase sempre problemas que se relacionam com a destruição da Terra. Os deuses que a criaram esquecem-se dela, por vezes, mas outras são razões muito mais circunstanciais que podiam e deviam ser evitadas pelo ser humano, como a destruição do equilíbrio ecológico. Ora, neste livro, as lendas são recolhidas dos povos mais diversos, desde os índios aos indianos, aos chineses, caldeus, assírios, croatas, tribos do sul da América do Norte, etc. As explicações sobre a criação, destruição ou reconstrução do mundo são-nos fornecidas pelas mitologias de vários povos, portanto, numa perspectiva também multicultural.

Em relação a todas as narrativas incluídas nestes três livros, acreditamos que J.J. Letria fez o que disse relativamente aos *Contos da China Antiga*: «Reinventei [...]. Se alguma coisa acrescentei, foi o elemento poético [...]» (*Ler mais*, 2002).

Salienta-se desde já como o escritor vai criando para nós, leitores, uma «casa da poesia», onde podemos todos abrigar-nos, onde encontramos um pouco de nós, como indivíduos ou como povo, sonhar o futuro ou reviver o passado, reconhecer ou descobrir percursos de vida.

Continuando ainda na caminhada por textos que remetem para um passado cultural, seja ele de cariz mais histórico e documental ou ficcional, queremos relevar a questão da identidade cultural e nacional em obras como *Olá, Brasil!*, *Portugal para os Pequenininos* e *Um Eléctrico Chamado Tejo*.

Consideramos que *identidade* implica uma consciência de si e um processo de identificação com valores, aparências e maneiras de ver particulares, ao nível de grupos familiares, étnicos ou nacionais, incluindo uma maneira particular de narrar a História e as histórias (Morgado, 2002: 13).

Em *Olá, Brasil!*, a ilustração apresenta-nos de imediato as caravelas vogando no mar, mas um mar que simultaneamente representa o planeta Terra, pela configuração arredondada, o que não nos parece ocasional, mas sim uma opção consciente do ilustrador João Fazenda, atribuindo um significado mais forte, simbolicamente, ao nível da dimensão da aventura. Esses homens aventureiros são homens anónimos, que deixam tudo o que têm de estável para se aventurarem no mar — esse anonimato sentimo-lo, por uma espécie de hipálage figurativa, que se traduz na representação das figuras femininas e das crianças que em terra ficam a dizer adeus e que são pintadas sem identificação de feições:

*De longe vinham os homens,  
das cidades gémeas do mar  
ou das vilas camponesas com muita terra  
para arar, para dar frutos e semear,  
vinham de Viana do Castelo,  
de Viseu e de Vouzela,  
deixando atrás de si a família e a courela,  
a casinha arrumada, a mulher a acenar  
e as saudades da terra já no peito a latejar  
[...].*

Outras ilustrações dão conta do percurso até que se avista o imenso verde de uma nova terra, pelo meio do qual sobressaem figuras humanas e, sobretudo, enormes pássaros coloridos. Era Abril de 1500. A estranheza e o espanto que a aproximação das naus provoca nos habitantes dessa terra são-nos subtilmente transmitidos através da postura dos corpos dos indígenas que olham as naus ao longe, já que, neste momento, a focalização da ilustração transfere-se do olhar dos marinheiros para o olhar daqueles que estão em terra. A descrição do que acontece é baseada nos relatos do cronista Pêro Vaz de Caminha (o autor, José Jorge Letria, apesar da dimen-

são poética do seu texto, pretende frisar a veracidade dos factos narrados através desta referência) e o encontro entre as duas culturas, a portuguesa e a indígena, dessa terra que os portugueses inicialmente designaram de Vera Cruz, é narrada como uma festa: o que se destaca é « a magia dos mundos que se encontram quando o futuro se anuncia». Três aspectos desse encontro são valorizados nas ilustrações: a troca de presentes representativos da cultura de cada povo, a comida que se partilha e o acto religioso da oração. Relativamente a este primeiro contacto, o texto não refere se a missa foi partilhada pelos indígenas, só mais tarde se fala da ida posterior dos missionários, no entanto, o ilustrador representa um indígena escutando a missa.

Dos homens anónimos que inicialmente nos foram apresentados, foram-se destacando alguns, Pedro Álvares Cabral, capitão da armada, Nicolau Coelho, que corajosamente é um dos primeiros a descer a terra, Frei Henrique de Coimbra, que rezará a primeira missa e outros que mais tarde seguirão para a nova terra de Vera Cruz.

Texto e ilustração apresentam-nos uma visão idílica e festiva deste encontro de culturas que permitiu chegar a uma contemporaneidade de «povos irmãos», fraternidade representada pela língua comum e pelas músicas diferentes, mas que se harmonizam: o «terno e velho fado para sempre misturado com a doce bossa nova», referência que encerra a narrativa, conjuntamente com a imagem de dois jovens dos nossos tempos que apertam as mãos, rodeados de balões como os que a Banda Desenhada usa para inserir texto, só que estes estão vazios, como se os dois jovens se entendessem mesmo sem palavras e distinguindo-se um do outro apenas porque um deles tem poisado no ombro um papagaio, simbolizando diferentes marcas culturais ao nível da natureza associada a cada um dos espaços — mas, como 500 anos antes, o papagaio também poisara no ombro do capitão da armada portuguesa..., podemos considerar que esta ilustração deixa suspensa alguma ambiguidade sobre qual dos jovens é português ou brasileiro.

Em *Portugal para os pequeninos* escreve o poeta:

*Mesmo à beira do mar  
há um país verde e azul  
[...]*

Portugal tem o nome de «um rei chamado Afonso», que é *marinheiro, nau e barcarola*.

Faz a identificação do país com os mais diversos elementos e personalidades simbólicas, essencialmente a figura do marinheiro e do poeta.

O marinheiro encontra Camões, Bocage, Gil Vicente, Cesário Verde, Fernando Pessoa....

Percorre todo o país e:

*Cansado, poisou a cabeça  
nas pedras dos monumentos  
e escutou deles segredos  
vindos de outros tempos*

Mas Portugal tem também outros nomes: varinas, cesteiros, bordadeiras, fadistas — são nomes de pessoas-símbolos (não nomes próprios) e são nomes-monumentos: Batalha, Jerónimos, Convento de Tomar.

*Este país é um livro  
que sonhou com o Oriente  
e voltou para ser Europa  
com o mar à sua frente.*

Já em obras anteriores a 2000, como em *Portugal por miúdos*, o país fez-se «missionário», «navegante», «mercador» e «cientista».

Portugal tem outros nomes ainda — é «Luís de Camões», é «O Rei de Penamacor», este último, um rapaz do



povo que, mercê de imaginação e experiência de tantas histórias ouvir sobre D. Sebastião e a Batalha de Alcácer Quibir, cria uma farsa em que se faz passar por D. Sebastião, farsa essa que «fora, a partir de certo momento, uma forma de conspiração contra o poder de Filipe II, em Portugal.»

Também na biografia de Luís de Camões, escreve o narrador «na sua cabeça de rapaz sonhador, ser poeta e ser soldado eram duas faces da mesma moeda e essa moeda chamava-se Portugal, nome que aparecia, com vozes e rostos diferentes, em quase todos os seus sonhos».

Em *Um eléctrico chamado Tejo*, explica-se: «Este velho eléctrico chamava-se Tejo. Podia chamar-se «Vasco da Gama» ou «Luís de Camões». Mas não. Chamava-se apenas «Tejo», em homenagem ao rio que dá alma e vida à cidade» — a cidade é Lisboa e este eléctrico, personificado, tem um forte afecto por Lisboa, pelos bairros, pelos monumentos, pelas pessoas — pintores e poetas, mas também operários.

É, aliás, curiosa, a atitude poética da personagem, o eléctrico, na comparação da sua felicidade pessoal com a felicidade da nação em Abril de 74.

Outras formas de trazer para o universo da criança figuras da História e Literatura de Portugal são as conversas com personagens do passado, como *Conversa com Gil Vicente*, em jeito de entrevista feita por crianças ao dramaturgo do século XVI. Mesmo nestes textos, a dimensão poética não desaparece — quando é confrontado com as dúvidas históricas sobre a sua verdadeira identidade, Gil Vicente responde que não vai dar uma resposta precisa «Porque, meus queridos amigos, prefiro que o mistério se mantenha. Assim, haverá sempre quem tenha razões para continuar a escrever sobre mim e sobre esse enigma que ainda não foi resolvido. O que posso dizer e talvez ajude é que um dramaturgo é já uma espécie de ourives» e explica que «um dramaturgo-poeta trabalha as palavras, com os seus sentidos e os seus sons, com o mesmo cuidado e o mesmo carinho com que um ourives de talento trata os metais pre-

ciosos e as pedras preciosas, sejam eles quais forem, tendo sempre em vista a ideia de beleza e de harmonia». Quando as crianças concluem que Mestre Gil lhes está a dar razão em considerarem que o ourives e o escritor eram a mesma pessoa, este responde: «Pensem o que quiserem. Deixo-vos liberdade para isso, até porque um escritor ama a sua liberdade e a dos outros acima de todas as coisas».

Esta estratégia da «conversa com» surge também em textos com objectivos completamente diferentes, de cariz informativo para além de formativo, como é o caso de *A Cidadania explicada aos jovens... e aos Outros* e *O Jornalismo explicado aos jovens... e aos Outros*.

Relativamente ao segundo livro, saliento que também ele, se bem que dedicado essencialmente aos aspectos pragmáticos da actividade jornalística, não esquece a dimensão de cidadania que esta profissão também exige. Aliás, introduzindo aqui uma referência a um texto em verso, *Amiga Água*, é essencialmente uma questão de cidadania que está em causa, na tomada de consciência por parte do ser humano, particularmente a criança (como homem do futuro), da importância da água nas pequenas coisas, em casa, no jardim, e na sobrevivência da Terra e da Vida, num apelo ecológico também, lembrando ainda que «Só foi civilização/ o que teve/ água ali à mão».

Voltando ao campo das narrativas, referimos agora, *Mouschi, o Gato de Anne Frank*. Mouschi interessa-nos não só como testemunho da vida angustiante e claustrofóbica de Anne durante os dois anos em que viveu no esconderijo, para não ser descoberta pelas tropas nazis, mas como uma referência nos afectos do escritor J. J. Letria. O testemunho que Mouschi dá sobre Anne é, de certa forma, a representação do entendimento entre gato e escritor, tanto mais que é escrita na 1.<sup>a</sup> pessoa, sendo o gato o narrador.

Também em *Aqui Há Gato!*, é o animal que narra, em discurso pessoal, as suas várias vidas, no Antigo Egipto, onde era venerado, na Grécia dos Filósofos, e narra histórias de ou-

tros gatos na China, no Japão, na Índia, na Europa da Idade Média. Todos estes avatares permitem reflectir sobre a incongruência da escravidão, a falácia do poder, as consequências macabras e injustas do obscurantismo. No meio de um relato tenebroso sobre a vida dos gatos ao longo da História, só os poetas os foram sempre salvaguardando. Aliás, a epígrafe deste livro corresponde a uma frase de Jean Cocteau. «Amo os gatos porque amam a minha casa, da qual se tornam, pouco a pouco, a alma sensível».

Para além da configuração dos afectos em espaços, em pessoas, há, então, na escrita de J. J. Letria, os animais. Nos livros para crianças, essa presença dos animais está envolta numa certa postura ecologista. Em *O Livro dos Gatos* (2001), eles são «o novelo latejante da ternura/ colada à pele dos nossos dias» e «Entram e saem dos livros ronronando segredos/ príncipes do sortilégio das lendas». E na dedicatória: «Aos gatos da minha casa, que velaram por mim enquanto eu escrevia sobre eles». Esta não se trata, em primeira instância, de uma obra escrita para crianças, mas remete, frequentemente, para a infância. Estão também associados a diversas artes para além da literatura — à pintura e à música, sobretudo.

Os gatos confundem-se, na memória dos dias, com as vivências do poeta-autor: «os gatos da minha casa/ estão santificados por uma divindade/ pagã e insaciável que abomina o tédio/ [...] / Os gatos da minha casa/ brincam com as canetas de tinta negra/ que eu uso para os descrever,/ que eu uso para os amar/ [...]».

Não posso deixar de lembrar outros textos, não de J. J. Letria, mas com os quais os seus dialogam neste universo de magia: *Olga e Cláudio* (1984), de Mário Cláudio e Maria Antónia Pestana, e o mais recente *O Gato e o Escuro* (2001), de Mía Couto, com ilustrações de Danuta Wojciechowska. Sendo obras completamente distintas entre si, pressinto nelas uma visão poética que se traduz sobretudo no diálogo entre poesia e pintura, explícito pela conjugação destas duas artes nos livros dos

outros autores e que se conjugam, em J. J. Letria pela palavra (p. 57):

[...]  
*Os poemas já são quadros, só quadros,  
E os gatos sabem-no bem,  
Porque para eles não há fronteira  
Entre o dito e o pintado,  
Entre o escrito e o sonhado.*  
[...]

Veja-se também o poema que refere a paixão de Kandinsky e de Rilke pelos gatos (p. 62):

*Os gatos estão onde tu estás, são como tu és.  
E são assim, também, os de Kandinsky e os de Rilke,  
Os gatos dos poetas e dos pintores,  
Os sôfregos oficiantes de uma eternidade  
Que não se esgota nas palavras nem nas cores.*  
[...]

Assim, uma rede de afectos se estabelece, envolvendo espaços, seres, coisas que são formas diversas de nomear o amor.

\* \* \*

Passemos a uma poesia de cariz mais explicitamente lúdico ou lúdico-didáctico:

*Zé Pimpão*, o «*Acelera*» concilia, claramente, as situações aparentemente divertidas com um alerta para os aspectos perniciosos de um comportamento pouco cívico na condução. O texto poético-narrativo caminha gradualmente para um didactismo cada vez mais acentuado e que não se coíbe de apresentar um final dramático. Depois de um acidente, *Zé Pimpão*,

quando se vê ao espelho «com essas proezas todas/ o único carro que encontra/ é a cadeira de rodas».

O filão do absurdo, já explorado em obras anteriores, como *O Livro das Rimas Traquinas* (1992) ou *Uma Mão-Cheia de Rimas para Primos e Primas* (1996), não desapareceu — ei-lo em *Alicate, Bonifrate e Versos com Remate*, publicado em 2002: nos textos «Zé Pêra Abacate» ou «Al Gazarra».

São versos tendencialmente com uma métrica em rondilha menor ou maior, com rima toante em *a* ou em *i* ou alternância *i/a*, surgindo por vezes versos brancos, o que os aproxima das características dos textos tradicionais, em particular do romanceiro (veja-se «Uma notícia da Fenícia»).

As ilustrações reforçam a comicidade das situações, como acontece relativamente a este poema.

No livro *Os Cúmulos* continua a exploração literária do absurdo: «Era um homem tão ignorante, tão ignorante que se regava com uma mangueira do jardim para ver se se cultivava», «Era uma mulher tão prevista, tão prevista, que quando engravidou teve gémeos para ter sempre um filho de reserva», etc. No entanto, estes *cúmulos* exigem, por vezes, como nos exemplos apresentados, um certo desenvolvimento conceptual e cognitivo aos seus leitores, tornando-se, certamente, incompreensíveis para crianças numa fase pré-escolar.

\* \* \*

Finalmente, abordamos outros textos poéticos, que agrupei como simultaneamente originados e dedicados à criança como futuro.

*O que eu quero ser...* e *O que eu vou ser quando crescer* apresentam os desejos da criança sem hierarquizar profissões, de novo numa imensa lição de cidadania, constante preocupação deste escritor. Por exemplo, o menino que quer ser polícia diz:

*Se um dia me fardar  
há-de ser para respeitar  
de cada um os direitos  
os princípios e os preceitos  
em que importa acreditar  
senão juro que ser polícia  
nem mesmo para brincar.*

*E o que quer ser jornalista:  
Para fazer uma reportagem  
para trazer a novidade  
eu hei-de correr mundo  
e hei-de ir até ao fundo  
só para contar a verdade.*

*A verdade, digo bem,  
que a mentira não me interessa  
o jornalista é aquele  
que nunca muda de pele  
e usa bem a cabeça.*

No segundo livro acentuam-se os interesses da criança pela arte, pela ciência, pela Natureza, como se houvesse entre as duas obras um caminhar das tarefas mais pragmáticas para as mais conceptuais e artísticas, mas sem que isso seja integrado em qualquer escala de valores, encerrando-se o volume com um poema sobre o «Voluntário», salientando-se que «Esta não é uma profissão/ que a alguém se recomende/ é antes uma opção/ de quem com a vida aprende».

*Viagem à Flor de Um Mês* é um texto lindíssimo sobre o 25 de Abril, poeticamente comentado no diálogo entre um pai e um filho. A partir de um retrato antigo, a preto e branco, onde está o pai, começam as perguntas do filho. E no final, como uma esperança no futuro, a voz do filho encerra o texto.

*Versos para os pais lerem aos filhos em noites de Luar* são

versos da cor da Lua, versos da cor da luz, versos da cor do mar e os versos «para o Rodrigo, que acabou de chegar» (segundo sabemos pela dedicatória) serão ainda «feitos de sonho» e cada palavra será aventura, fruto maduro, luz, gargalhada. De novo os afectos, o «nós» que integra a criança socialmente, com jogos, brincadeiras, palavras que lhe darão o conhecimento do mundo: «Vês o mar e dizes barco,/ vês o Sol e dizes sede [...]» E depois, o fio do tempo e da família: «E aquilo que tu sentes/ passa de avós para netos,/ é o livro onde se guarda/ / o tesouro dos afectos.» Neste mundo de real e de poesia «há meninos luminosos», que com a descoberta da leitura e da escrita vão descobrir novos mundos.

Não posso deixar de recordar *Versos de Fazer Ó-Ó*, publicação mais ou menos «a cavalo» entre o nosso tão próximo ainda século xx e o jovem século xxi (publicado em 1999), mas que se enquadra neste universo de infância, intensamente reforçado pelas belíssimas ilustrações de André Letria, como, aliás, acontece em *Versos para os pais lerem aos filhos em noites de Luar* e em muitos outros livros referidos ao longo desta abordagem da obra de Letria.

A criança cresce entre os sonhos do passado e do futuro: «Vais sonhar que és pirata,/ almirante, aviador/ e que vais desenhar mapas/ com o teu computador/ numa ilha de coral, perto da Ursa Maior».

E finalmente, para todos, explicitamente, *A Casa da Poesia*, presente já, mas mais diluída, ao logo de todos os livros que José Jorge Letria nos ofereceu:

*A poesia anda de metro,  
ou nos eléctricos da cidade,  
sem ter pressa de chegar,  
porque isto de não ter pressa  
é a sua liberdade  
e é dessa liberdade  
que gosta de se alimentar.*

Esta casa não prende ninguém e tem, portanto, a liberdade da poesia:

*A casa da poesia  
tem tom azul de mar  
nas paredes que não tem  
mas que dá gosto inventar,  
apenas porque sabe bem  
ter uma casa assim  
mesmo à mão de semear.*

Ela é essa dádiva sem exigências, que fomos encontrando em todas as palavras de José Jorge Letria:

*Na casa da poesia  
cabem netos e avós,  
pais, primos e irmãos  
em páginas ímpares e pares,  
e cabe sempre a nossa voz,  
pois os esforços não são vãos  
quando teima a poesia  
em não nos deixar sós.*

Esperemos, então, que perante esta dádiva que nada pede em troca, possamos todos lembrar o exemplo de *São Francisco das Andorinhas* e, mesmo sem atingir um toque de santidade, vivamos a vida tentando erguer «estandartes de paz».

#### Referências bibliográficas

Obras de José Jorge Letria:

*O Livro das Rimas Traquinas*, il. Luís Manuel Gaspar, Lisboa, Terramar, 1992.



- O Rei de Penamacor*, il. Francisco Bilou, Lisboa, Vega, 1995.
- Uma Mão-Cheia de Rimas para Primos e Primas*, il. Pedro Cavalheiro, Lisboa, Terramar, 1996.
- Portugal por Miúdos*, il. André Letria, Lisboa, Editorial Teorema, 1997.
- Lendas do Mar*, il. André Letria, Lisboa, Terramar, 1998.
- Luís de Camões*, il. António Martins, Porto, Edinter, 1998.
- Versos de Fazer Ó-Ó*, il. André Letria, Lisboa, Terramar, 1999.
- A Cidadania explicada aos jovens... e aos Outros*, il. André Letria, Lisboa, Terramar, 2000.
- Olá, Brasil!*, il. João Fazenda, Lisboa, Terramar, 2000.
- O que eu quero ser...*, il. Joana Quental, Porto, Âmbar, 2000.
- Portugal para os pequeninos*, il. André Letria, Lisboa, Hugin Editores, Lda., 2000.
- O Livro dos Gatos*, Lisboa, Universitária Editora, 2001
- Alicate, Bonifrate e Versos com Remate*, il. André Letria, Porto, Edições Asa, 2002.
- Contos da China Antiga*, il. Cristina Valadas, Porto, Âmbar, 2002.
- Conversa com Gil Vicente*, il. Nuno Fonseca, Lisboa, Terramar, 2002.
- Mouschi, o Gato de Anne Frank*, il. Danuta Wojciechowska, Porto, Edições As, 2002.
- Os Cúmulos*, il. José Miguel Ribeiro, Porto, Âmbar, 2002.
- São Francisco das Andorinhas*, il. Chico, Porto, Âmbar, 2002.
- Um Eléctrico Chamado Tejo*, il. André Letria, Lisboa, Garrido Editores, 2002.
- Viagem à Flor de Um Mês*, il. André Letria, Porto, Campo das Letras, 2002.
- Lendas e Contos Judaicos*, il. Alain Corbel, Porto, Âmbar, 2003.
- Lendas da Terra*, il. André Letria, Lisboa, Terramar, 2003.
- Amiga Água*, il. André Letria, Lisboa, Garrido Editores, 2003.
- A Casa da Poesia*, il. Rui Castro, Lisboa, Terramar, 2003.
- O Jornalismo explicado aos jovens... e aos Outros* (co-autor Daniel Ricardo), Lisboa, Terramar, 2003.
- Versos para os pais lerem aos filhos em noites de Luar*, il. André Letria, Porto, Âmbar, 2003.
- Zé Pimpão, o «Acelera»*, il. André Letria, Lisboa, Terramar, 2003.

Outras obras referidas:

Claúdio, Mário e Maria Antónia Pestana — *Olga e Cláudio*, Porto, Edições Afrontamento, 1984.

Couto, Mia, il. Danuta Wojciechowska — *O Gato e o Escuro*, Lisboa, Caminho, 2001.

Morgado, Margarida — «Clarification of concepts» in V.V.A.A., *Intercultural Matters. Fiction and Cultural Identity*, Socrates Programme/ Escola Superior de Educação do IPCB, 2002.